



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

GERLANIELSON MÁRIO ALVES ROQUE

**A EVOLUÇÃO URBANA DE ESPERANÇA-PB: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A
CENTRALIDADE DE UMA PEQUENA CIDADE E SUA ZONA DE INFLUÊNCIA.**

**CAMPINA GRANDE
2022**

GERLANIELSON MÁRIO ALVES ROQUE

A EVOLUÇÃO URBANA DE ESPERANÇA-PB: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A CENTRALIDADE DE UMA PEQUENA CIDADE E SUA ZONA DE INFLUÊNCIA.

Trabalho de Conclusão de Curso, artigo apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Área de concentração: Geografia Urbana.

Orientador: Antônio Albuquerque da Costa

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R786e Roque, Gerlanielson Mário Alves.

A evolução urbana de Esperança-PB [manuscrito] : um estudo de caso sobre a centralidade de uma pequena cidade e sua zona de influência / Gerlanielson Mario Alves Roque. - 2022.

28 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa , Departamento de Geografia - CEDUC."

1. Desenvolvimento econômico. 2. Município de Esperança-PB. 3. Desenvolvimento Social. I. Título

21. ed. CDD 338.9

GERLANIELSON MÁRIO ALVES ROQUE

**A EVOLUÇÃO URBANA DE ESPERANÇA-PB: UM ESTUDO DE CASO SOBRE
A CENTRALIDADE DE UMA PEQUENA CIDADE E SUA ZONA DE
INFLUÊNCIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso, artigo apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Área de concentração: Geografia Urbana.

Orientador: Antônio Albuquerque da Costa.

Aprovada em: 06/04/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa
(Orientador) Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB)



Prof. Dr. Arthur Tavares Valverde
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Maria Marta dos Santos Buriti
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, minha irmã, e ao meu senhor
Deus, pela força dada nesta caminhada
DEDICO.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Localização de Esperança-PB com base nas Regiões Geográficas Intermediárias da Paraíba.....	11
Figura 2: Distrito de São Miguel.....	12
Figura 3: Distrito de Massabielle.....	12
Figura 4: Distrito do Pintado.....	12
Figura 5: Tanques Naturais.....	14
Figura 6: Monumento a Nsª Perpetuo Socorro.....	14
Figura 7: Feira livre, anos 50.....	15
Figura 8: Mapa da Zona Metropolitana de Esperança-PB.....	19
Figura 9: Casa de Farinha.....	21
Figura 10: Agave Sisalana (Sisal).....	23
Figura 11: Fibra do Sisal.....	23
Figura 12: Grupo Escolar Irineu Jofilly, em 1935.....	24
Figura 13: Reservatório Dezesesseis de Agosto (Tanque do Governo), em 1944.....	24
Figura 14: Praça Antônio Bezerra (Praça da Televisão), anos 70.....	25
Figura 15: Centro de Esperança, anos 40.....	25
Figura 16: Feira Livre de Esperança, ano 2022.....	26
Figura 17: Avenida Manoel Rodrigues de Oliveira.....	26

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A IMPORTÂNCIA DE ESPERANÇA PROVINIENTE DE SUA LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA.....	10
2.1 Cronologia Espacial de Esperança-PB	13
3 DESENVOLVIMENTO URBANO NO BRASIL	16
4 PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO URBANO DE PEQUENAS CIDADES.....	17
5 CRIAÇÃO DA ZONA METROPOLITANA DE ESPERANÇA	18
6 DESENVOLVIMENTO URBANO DE PEQUENAS CIDADES, ESTUDO DE CASO, MUNICÍPIO DE ESPERANÇA-PB.	20
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	27

A EVOLUÇÃO URBANA DE ESPERANÇA-PB: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A CENTRALIDADE DE UMA PEQUENA CIDADE E SUA ZONA DE INFLUÊNCIA.

Autor: Gerlanielson Roque

RESUMO

Este presente trabalho pretende analisar o desenvolvimento urbano do município de Esperança no agreste paraibano, município esse inserido na Zona Intermediária de Campina Grande, segundo nova regionalização feita pelo IBGE em 2017. As análises feitas partem da criação do território até os dias atuais, sua formação econômica- social, levando em consideração como Esperança atua dentro da zona intermediária onde está situada e também suas relações com municípios vizinhos. Vale salientar que o município analisado tem sua própria zona metropolitana e tem um papel de uma centralidade onde são disponibilizados alguns serviços que servem como base para avaliarem o seu nível de influência dentre os municípios circunvizinhos e assim sua importância econômica e também sua dinâmica na hierarquia urbana do estado da Paraíba. Com esse trabalho, podemos entender como acontecem às modificações espaciais em centros urbanos como o município de Esperança e os fatores que geram tais mudanças.

PALAVRAS – CHAVE:

Desenvolvimento econômico. Município de Esperança-PB. Desenvolvimento Social.

ABSTRACT

This present work intends to analyze the urban development of the municipality of Esperança in the countryside of Paraíba, a municipality inserted in the intermediate zone of Campina Grande, according to a new regionalization made by the IBGE in 2017. The analyzes made part of the creation of the territory until the present day, its formation economic and social, taking into account how Esperança operates within the intermediate zone where it is located and also its relations with neighboring municipalities. It is worth noting that the analyzed municipality has its own metropolitan area and has a role of centrality where some services are available that serve as a basis for evaluating its level of influence among the surrounding municipalities and thus its economic importance and also its dynamics in the urban hierarchy of the state of Paraíba. With this work, we can understand how spatial changes occur in urban centers such as the municipality of Esperança and the factors that generate such changes.

KEYWORDS:

Economic development. Municipality of Esperança-PB. Social development.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a evolução urbana das pequenas cidades, um estudo de caso Esperança-PB, cidade esta que está localizada na Zona Intermediária de Campina Grande e que com o passar das décadas vem apresentando uma grande evolução na importância para a sua área de abrangência. Esperança, ainda que possa ser classificada como uma pequena cidade do interior nordestino apresenta uma área de influência sobre outros municípios circunvizinhos, fato que a torna um importante objeto de estudo da geografia urbana.

Outra característica que torna Esperança ainda mais peculiar é o fato que mesmo na área de influência de Campina Grande, que é um importante centro regional não apenas da

Paraíba, mas também do Nordeste, ela consegue manter seu raio de influência e não ser completamente eclipsada por este influente centro urbano ao qual está hierarquicamente subordinada. O objetivo deste artigo é explicar como este pequeno centro urbano surgiu, evoluiu e conseguiu se estabelecer exercendo uma centralidade na área em que está inserido.

Entendeu-se que para melhor explicar a dinâmica de Esperança na sua rede urbana, se faz necessário mostrar toda a evolução territorial do seu município, desde a criação da sesmária, a instalação do povoado, sua evolução para vila e sua emancipação política, associando todo este processo territorial ao desenvolvimento do seu comércio e da atividade agrícola, que se configuraram ao longo de sua história como principais eixos econômicos.

Entender a dinâmica de uma pequena cidade em um país na dimensão do Brasil e com as especificidades regionais que apresenta, não é tarefa fácil, daí a escolha do procedimento metodológico que transita entre o método indutivo e dedutivo, ou seja, o surgimento e evolução da cidade de Esperança poder ser explicado a partir de processos amplos que envolvem outros pequenos centros urbanos regionais e do Brasil, mas também apresenta especificidades cujo estudo ajuda entender a totalidade do processo de surgimento e evolução das cidades brasileiras.

Em 08 de junho de 2012, através da lei complementar nº 106, foi criada a Região Metropolitana de Esperança, decisão que envolve critérios políticos e não geográficos, visto que a cidade não apresenta características populacionais ou de centralidade que justificasse tal decisão, no entanto, há cidades que passaram a sediar regiões metropolitanas na Paraíba que também não apresentam as condições que justificassem tal formação de regiões metropolitanas.

Não obstante tais características ressalta-se no artigo o papel que o comércio, os serviços entre os quais os serviços de saúde, bancários, jurídicos, entre outros, no raio de alcance das cidades que foram inseridas na Região Metropolitana de Esperança, tais como: Areial, Remígio, Areia, Arara, que nas demandas que podem ser atendidas por Esperança, optam em serem atendidos nesta cidade, ao invés de se locomoverem até Campina Grande.

Todo o processo de evolução urbana de Esperança não pode ser desvinculado da importância que sua zona rural teve em tal processo, pois foi através dos gêneros produzidos no campo que a cidade teve o seu primeiro destaque econômico através de sua feira, que chegou a ser considerada uma das maiores do Agreste Paraibano, evento que apesar do declínio que vem sofrendo, a exemplo das demais feiras livres do Nordeste, persiste às modernizações de um meio técnico-científico-informacional e ainda aquece a economia local, com emprego, rendas e circulação de capital. Por muito tempo foi a produção de farinha de mandioca o principal produto de comercialização de Esperança, gerando renda no campo e na cidade.

Como se pode ver, a farinha foi o primeiro excedente da produção rural que deu os primeiros passos de uma notoriedade econômica do município, sem contar com os comércios que já existiam na zona urbana, estabelecimentos de vários seguimentos, como: farmácias, padarias, mercados lojas de materiais de construção, barbearias, lojas de roupas, empresas de transportes intermunicipais. Foi também através da importância agrícola que Esperança se inseriu numa economia regional e até numa rede internacional de produção através da batatinha, do algodão e do sisal. É primeiramente no excedente da produção rural que vamos ter os primeiros passos de uma notoriedade econômica do município, sem contar com os comércios que já existiam na zona urbana, estabelecimentos de vários seguimentos, como: farmácias, padarias, mercados lojas de matérias de construção, barbearias, lojas de roupas, empresas de transportes intermunicipais.

2 A IMPORTÂNCIA DE ESPERANÇA PROVINIENTE DE SUA LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

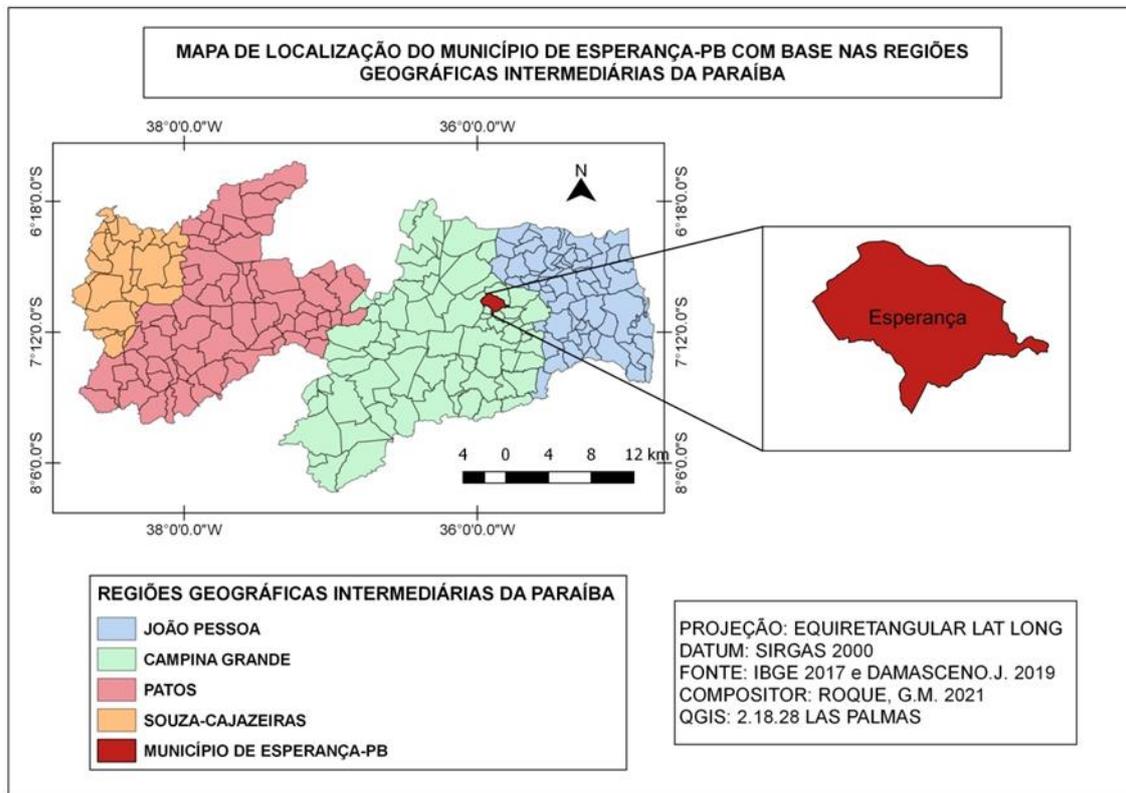
O município está localizado na unidade geoambiental do Planalto da Borborema, na Zona Intermediária de Campina Grande, segundo a nova regionalização elaborada pelo IBGE em 2017. Apresenta um solo com uma fertilidade bastante variada, “tendo solos em cascalho ao norte, com predominância de solo de média e alta fertilidade ao leste, mas em sua maioria arenoso” (FERREIRA, 2015, p.18).

O município está no domínio hidrográfico do Rio Mamanguape, com escoamento superficial em cursos de águas intermitentes com padrão dendrítico em cujos riachos tributários foram constituídos alguns açudes, com ênfase para os açudes Araçagi (1.389 m³), Lagoa Verde (220 mil m³), Riacho Amarelo (200 mil m³) e Timbaúba (200 mil m³), (SEBRAE/Prode: 1997). Açudes que tiveram grande importância no abastecimento das comunidades próximas e até mesmo para a irrigação em menor expressão.

O município apresenta uma área total de 163,781 Km² (IBGE: 2014), com distância de 146,6 Km da Capital do Estado da Paraíba, João Pessoa, A cidade é cortada pela BR 101, através da qual se liga a BR 230, permitindo acesso a João Pessoa, o acesso a BR 230 também se faz pela BR 121.

Esperança faz limite com oito municípios e conta ainda com mais de 68 propriedades rurais e com três distritos. Ao norte Esperança faz limite com os municípios de Pocinhos e Remígio, a noroeste com o município de Algodão de Jandáira, ao Sul tem seus limites com Montadas e São Sebastião de Lagoa de Roça, a Leste com Areia, a sudeste Alagoa Nova e a Sudoeste Areal (figura 1).

Figura 1: Mapa de Localização de Esperança-PB com base nas Regiões Geográficas Intermediárias da Paraíba.



Fonte: IBGE, 2017. DAMASCENO, J. 2019. Adaptação, ROQUE, Gerlanielson, (2021).

A localização de Esperança no Planalto da Borborema, em altitude de 631m acima do nível do mar, contribui para a presença de um clima ameno com temperaturas que variam de mínimo de 16°C nos períodos mais frios e máximas de 28°C nas estações mais quentes, com médias anuais em torno de 22°C.

O município de Esperança além do seu distrito sede, conta com mais três distritos que são: São Miguel (a 5 km), Pintado (a 1,5 km), e Massabielle (a 6 km). São Miguel (figura 2) está aproximadamente 5 km da cidade de Esperança e tem seu acesso possibilitado pela BR 104, que liga Esperança a cidade de Remígio, o acesso para o Pintado (figura 3) e Massabielle (figura 4) é possível através de estradas de chão, acesso que foi melhorado recentemente com calçamento.

Figura 2: Distrito de São Miguel.



Fonte: Google Earth, (2022).

Figura 3: Distrito de Massabielle.



Fonte: CAMPOS, Jean, (2022).

Figura 4: Distrito do Pintado.



Fonte: Prefeitura de Esperança, (2021).

As infraestruturas desses distritos contam com calçamento, saneamento básico, postos de saúde, escolas, praças e capelas, também existem comércios de vários gêneros, com ênfase em estabelecimentos alimentícios, outros tipos de serviço só podem ser encontrados na sede do município.

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em CENSO do ano de 2010 o município de Esperança contava com uma população de 31,095 habitantes, 2/3 da população residente na zona urbana e 1/3 na Zona Rural, Segundo a estimativa do IBGE de 2020 a população é 33.199 hab. Com densidade demográfica de 189,86 hab/km² (IBGE, 2010) e IDHM de 0,623 (IBGE, 2010), mortalidade infantil de 16,74 óbitos por mil nascidos vivos (IBGE, 2017), Escolarização 6 a 14 anos de 97,3 % (IBGE, 2010) e um PIB per capita de 12.265,37 R\$(IBGE, 2017).

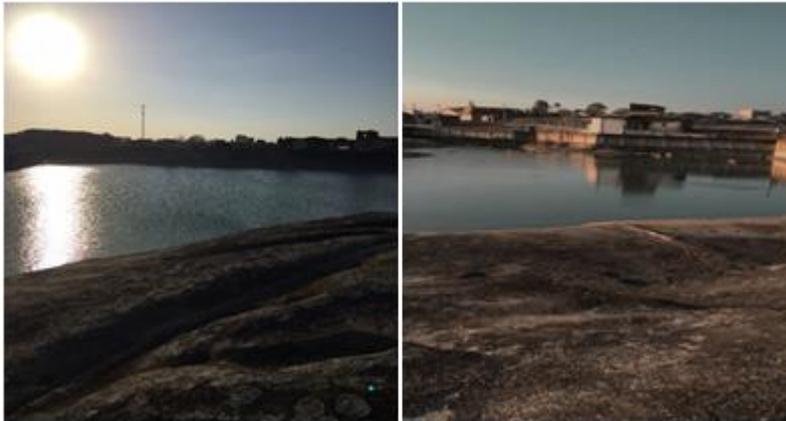
Por esta localização o território de Esperança estava no caminho dos tropeiros que cruzavam toda a Paraíba e faziam parada no território onde hoje está o município e a partir disso o município começa todo um processo de evolução

2.1 Cronologia Espacial de Esperança-PB

O então território onde hoje é o município de Esperança por muito tempo foi conhecido na região por “Banabuyé” nome esse dado pelos primeiros povos ali existentes, os índios Cariris, que chegaram após terem saído do litoral fugindo das várias lutas por território com outras tribos indígenas. Essa nomenclatura dada pelos índios perdurou por algum tempo, como é descrita na carta do Capitão-mór Clemente de Amorim e Souza ao então governador da Parayba, onde ele descreve o então lugar como “Sítio Banabuyé” situado “as beiras” de um açude. “Banabuyé” que foi escrito dessa forma pelos antigos que citavam a então localidade, para o professor Vanderley de Brito (2015) é a junção de duas palavras sendo uma delas um substantivo e a outra um adjetivo. “Portanto, é uma sentença de dois vocábulos: “mbana-bu-iê”, pois o termo bana-bu-ie é corruptela de “mbana-bu-ie” (BRITO, 2015, S.P.) que é pertencente ao dialeto Kipeá.

Ainda segundo o professor Vanderley de Brito, o termo “mbanã é um substantivo usado pelos índios para denominar “tanque de pedra” existente ali e que foi usado por eles para se firmarem no então território, e “bu-ié” uns adjetivos para dar intensidade e também tamanho grande, ambos usados no dialeto Kipeá que era usado pelos índios Cariri. “Portanto, baseado nessa regra gramatical, mbana-bu-ie seguramente é “tanque grande” (BRITO, 2015, S.P.). Podemos então confirmar que os índios Cariri se alocaram em torno de um grande taque de pedra que ali existiam, nos dias atuais após um processo de urbanização existem apenas resquícios desse grande tanque de pedra onde um dia foi morada para os índios que foram os primeiros habitantes das terras onde hoje está Esperança. Esses resquícios estão presentes em um lajedo, um afloramento de rocha ígnea onde foi construído um monumento a Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, onde existem dois tanques (figuras 5 e 6) que se assemelham aos existentes nos primórdios do município encontrados pelos índios.

Figura 5: Tanques Naturais.



Fonte: ROQUE, Gerlanielson, (2020).

Figura 6: Monumento a Ns^a Perpetuo Socorro.



Fonte: ROQUE, Gerlanielson, (2020).

A origem de Esperança está associada à doação de uma sesmaria na qual se instalou uma fazenda. A sesmaria e a fazenda receberam o nome de Banabuyé, “Da Sesmaria de Banabuyé nasceu uma fazenda de igual nome que perdurou até 1860, de onde se originou a povoação Esperança” (JOFFILY, 1892), toponímia esta que herdada da tribo indígena da nação cariri que vivia no estorno dos tanques que serviam como fonte de abastecimento d’água e que eram denominados banabuyé. A sesmaria foi extinta em 1860, mas a nomenclatura perdurou até meados dos anos 1970 quando foi construída a capela de Nossa Senhora do Bom Conselho e o povoado passou a se chamar Boa Esperança e no ano de 1908 se torna Esperança.

Esperança surgiu a partir de algumas concessões de terras denominadas Sesmarias e de uma fazenda de criação de gado pertencente aos herdeiros do Capitão mor Oliveira Ledo e outros posseiros. Sesmarias eram lotes de terras incultas ou devolutas que os reis de Portugal cediam para quem pudesse cultivá-las. Cada uma media 03 (três) léguas de comprimento por 01 (uma) de largura, sendo uma légua antiga equivalente a 6,6 km.

(FERREIRA, 2015, p.36).

O povoamento que deu origem a cidade de Esperança teve seu crescimento em virtude de sua localização na rota de tropeiros que nas suas travessias entre o Litoral e o Sertão paravam no local para descansarem e se reabastecerem. É também importante ressaltar que a proximidade com a Vila Nova da Rainha (hoje Campina Grande) que era um importante destino dos tropeiros, também contribuiu para a importância que Esperança foi adquirindo nesse Meio pré-técnico, no qual o gado bovino e as tropas de burros transportando mercadorias eram de fundamental importância econômica no interior nordestino.

Devido a essa sua localização geográfica em via de circulação de tropeiros e boiadeiros o povoado de Banabuyé evoluiu para o status de vila, na condição de distrito do município de Alagoa Nova, a Vila passou a abrigar uma feira (figuras 7) de gêneros alimentícios que se tornou muito frequentada não só pelos moradores da Vila e de sua zona rural, mas também por habitantes de municípios circunvizinhos.

Figura 7: Feira livre, anos 50.



Fonte: Blogger, Revivendo Esperança, (2015).

Tal centralidade proporcionada por esse comércio próspero tornou a vida na vila pulsante e atrativa para novos moradores que para ela convergiram em busca de melhores oportunidades econômicas e sociais. A elite econômica da vila de Esperança que queria sua emancipação do município de Alagoa Nova para poder administrar seus próprios recursos aproveitaram a visita do então governador da Paraíba, João Suassuna e do chefe da Polícia do Estado da Paraíba que nos dias 22 e 23 de Maio de 1925 se encontravam na vila para a inauguração do sistema de energia elétrica para requerer a emancipação.

Os convivas foram recebidos na casa de Manuel Rodrigues, onde foi oferecido um almoço ao governador na presença de esperancenses ilustres como Theotônio Costa, José Coêlho e Sebastião Batista (Yoyô de Ginú). Estava iniciado, assim, o movimento em prol da emancipação política. (FERREIRA, 2015, p.63).

A vila já contava também com Distrito de Paz de Esperança na edição da Lei nº 617, de Julho de 1876 com o termo judiciário era também Alagoa Nova pertencente à comarca o município de Areia. A criação do então município ganhava cada vez mais adeptos e apoio, um dos mais importantes foi do então do Deputado do município de Guarabira Antônio Guedes que apresenta na Câmara Legislativa o Projeto de Lei nº 13 que por meio deste da origem ao município de Esperança que seria aprovado em 16 de Novembro de 1925 por fim no dia 1º de Dezembro de 1925 foi então publicada no jornal “A União” a Lei nº 624 essa que definitivamente criava o município de Esperança. (FERREIRA, 2015, p.65).

O município, então, foi oficialmente instalado em 31 de Dezembro de 1925, tendo Manuel Rodrigues de Oliveira assumindo a condição de prefeito. O ato de posse do primeiro gestor municipal foi tomado pelo Dr. João Matinho da Silva, Juiz Municipal, na presença de diversas autoridades, procedendo-se em seguida a comunicação formal ao Governador do Estado por meio de um telegrama. (FERREIRA, 2015, P.65).

Atualmente o local onde são encontrados os tanques com características bem semelhantes aos que chamaram a atenção dos índios cariri e foram usados para firmar moradia está aberto para visitação de toda população às terças-feiras, onde é rezado o terço mariano em volta do monumento a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Sendo um lugar de devoção para toda população e também um local usado para visualização panorâmica do alto do lajedo onde é visualizado parcialmente o município de Esperança, lugar usado pelos moradores e visitantes para registros fotográficos.

Nesse processo de formação territorial do município pode-se observar a intrínseca relação com o campo e as vias de circulação. Processo este tão comum no surgimento de muitas vilas e cidades brasileiras que tiveram suas origens na venda da produção agrícola ou como pontos de apoio a quem transportavam tais mercadorias.

3 DESENVOLVIMENTO URBANO NO BRASIL

O Brasil nos primórdios de sua configuração territorial apresentou características de um país agrário. O processo de colonização teve início no litoral da Região Nordeste e foi aí que teve um primeiro movimento de urbanização, não tão pulsante como no fim do século XIX e no século XX. Nessa região existiam cidades com grande importância comercial que estavam localizadas no estuário dos rios de todo o recôncavo baiano.

O Recôncavo da Bahia e a Zona da Mata do Nordeste ensaiaram antes do restante do território, um processo de urbanização e, de Salvador, pode-se mesmo dizer que comandou a primeira rede urbana das Américas, formada, junto com a Capital baiana, por Cachoeira, Santo Amaro, e Nazaré, centros de culturas comerciais promissoras no estuário do Recôncavo. (SANTOS, 2005, P.19).

O processo de Urbanização no Brasil está atrelado a outros dois processos sociais e econômicos que mudaram as características de concentração populacional, esses processos foram: A industrialização e o êxodo rural, ocorridos principalmente na região Sudeste, mesmo esse processo sendo caracterizado tardio e centralizado na região Sudeste, trouxe inúmeras mudanças nas dinâmicas urbanas brasileira.

O principal eixo de fluxo migração de pessoas era da região Nordeste para a região Sudeste, essa migração teve seu ápice a partir dos anos 1970 quando pela primeira vez o Brasil se torna um país urbano, isso quer dizer que a maioria da população está vivendo em áreas urbanas. Esse movimento da população para as regiões industrializadas principalmente as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, acaba gerando características parecidas nesses dois grandes centros urbanos, sociais e econômicos.

Todo o processo de urbanização ocorreu de forma rápida, intensa, sem planejamento e concentrada. Gerando alguns problemas urbanos quase que irreversíveis em algumas áreas, as cidades apresentam um crescimento desordenado criando uma segregação socioespacial fácil de ser observada nesses grandes centros. Parte da cidade apresenta um alto custo de vida, onde todas as necessidades são supridas pelo poder público, já outra parte da cidade acaba esquecida com baixa valorização e precariedade dos serviços básicos, como: educação, saneamento básico, saúde e transporte.

A partir dos anos 70, o processo de urbanização alcança novo patamar, tanto no ponto de vista quantitativo, quanto do ponto de vista qualitativo. Desde a revolução urbana brasileira, consecutiva à revolução demográfica dos anos 50, tivemos primeiro, uma urbanização aglomerada, com o aumento do número – e da população respectiva – dos núcleos com mais de 20.000 habitantes e, em seguida, uma urbanização concentrada, com a multiplicação de cidades de tamanho intermédio, para alcançarmos, depois, o estágio de metropolização, com o aumento considerável do número de cidades milionárias e de grandes cidades médias (em torno de meio milhão de habitantes). (SANTOS, 2005,p.77).

Além desses problemas as cidades apresentam um “inchaço urbano” que gera desemprego, pois a demanda populacional é muito grande e o próprio processo de industrialização não gera vagas suficientes para a população concentradas nessas áreas. Apresentam também problemas de mobilidade urbana, pelo aumento de automóveis e da procura pelos serviços públicos de transporte superlotados e insuficientes para a demanda populacional, entre outros problemas. Mesmo com o aprofundamento dos estudos sobre os efeitos e causas da urbanização nas grandes metrópoles do Brasil, a grande maioria das cidades brasileiras apresentam características diversas de cidades pequenas que também merecem um estudo aprofundado para que possamos identificar como ocorre a evolução desses locais com base nas dinâmicas regionais que estão inseridas.

4 PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO URBANO DE PEQUENAS CIDADES

Há uma grande carência quando em estudos sobre as cidades pequenas e de como estas evoluem ao longo do tempo em um país tão extenso em território como o Brasil, levando em consideração a dinâmica de cada unidade da federação, no caso, os estados. Essas grandes dificuldades nos estudos são encontrados por conta de problemas, como: quantidade de cidades, diversidade e proximidade com o meio rural.

Mas, o que se é concreto é que as pequenas cidades estão inseridas nas dinâmicas da rede urbana com todas as articulações, conectadas com todo processo, pois estão atreladas ao meio de produção do capital e muitas das vezes também consomem dessa produção, sofrendo grande influência do processo de globalização. No Brasil existe uma grande diversidade na

composição municipal em cada unidade da federação como citado acima, existindo assim uma grande variedade de centralidades nas cidades.

É como se cada estado tivesse uma própria logística de rede urbana e uma hierarquia, deixando ainda mais complexa a conceituação e o estudo do desenvolvimento urbano das pequenas cidades brasileiras. Dessa forma não existe uma conceituação engessada, uma única forma de conceituar esses territórios em toda extensão do Brasil.

Partindo disso vamos encontrar dois aspectos para conceituar as pequenas cidades, sendo elas de forma máxima e mínima quantitativa, levando em consideração o número de habitantes e outra qualitativa que leva em consideração o bem-estar social e os serviços disponíveis para qualidade de vida da população, como: Serviços públicos de saúde, educação, segurança, transporte entre outros. Para o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), são classificadas como pequenas cidades aquelas que possuem até 100 mil habitantes. Já os autores e estudiosos que dedicaram estudos a área urbana e das pequenas cidades, partem de um patamar mínimo e máximo quantitativo para a conceituação das pequenas cidades.

Segundo Santos (1989) e Pereira (2007) o patamar máximo para as pequenas cidades é de 20 mil habitantes, já para Bernardelli (2004) pequenas cidade são aquelas com menos de 30 mil habitantes, Côrrea (1999) vai conceituar as cidades pequenas de duas formas, sendo elas: “pequenos centros” e “pequenos núcleos” que possuem no máximo 50 mil habitantes. O aspecto quantitativo não pode ser determinante para a conceituação das pequenas cidades, sendo este aspecto apenas norteador e servindo apenas de ponta pé inicial para o estudo das pequenas cidades.

Quando partimos para uma abordagem qualitativa, Santos (1979) nos traz um estudo em volta do que ele chamou de “cidades locais” cidades estás que estão munidas de serviços para qualidade de vida da população, salientando ainda que essas cidades são geradoras da fonte de renda da população. Para todo estudo de caso das cidades pequenas é necessário que se entenda a área onde ela está situada, por toda disparidade existente no Brasil de estado para estado, é levado consideração às relações internas e também externas com outros centros urbanos, dessa forma podemos definir sua posição dentro daquela hierarquia urbana, embasado em toda realidade onde está inserida. Nesse contexto a cidade de Esperança pode ser entendida como uma pequena cidade, com centralidade que comanda uma pequena rede de cidades locais.

5 CRIAÇÃO DA ZONA METROPOLITANA DE ESPERANÇA

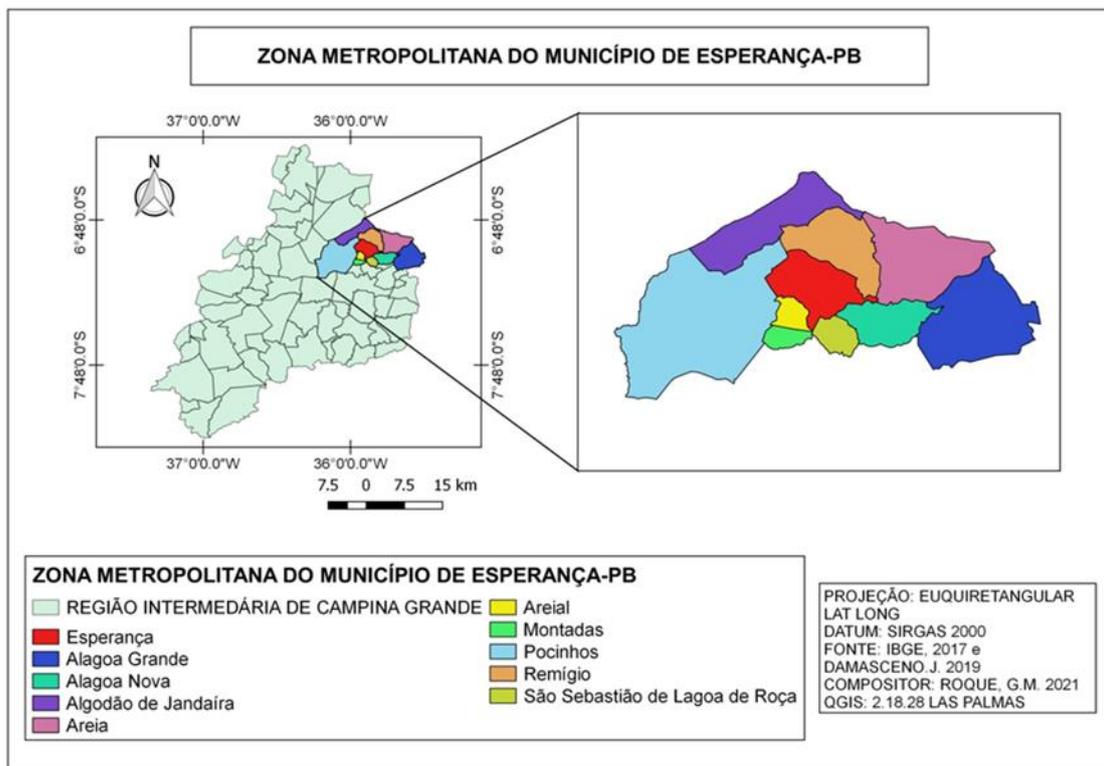
Esperança configura-se como um dos municípios que apresenta um grande desenvolvimento dentro do Agreste Paraibano. Tem um comércio forte, como já visto durante esse recorte, além de abrigar alguns serviços que não são disponibilizados em alguns dos municípios que fazem limite com o mesmo.

Serviços esses que vão do comércio até a saúde, e também alguns serviços bancários, tornando Esperança um município central para muitas ações do cotidiano, serviços mais especializados que não são atendidos por Esperança são encontrados em Campina Grande. Motivo pelo qual não podemos classificar a Cidade de Esperança como uma “Cidade Local”, pois tal conceito se aplica a “aglomeração”, mesma, vista que, Cidade Local é a “aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações” (SANTOS, 1979, p.71).

Muitas pessoas são atraídas no dia a dia para a cidade de Esperança por conta dessa configuração econômica. Além disso, a cidade também conta com algumas empresas que geram emprego não só para sua população, mas para moradores das cidades circunvizinhas, principalmente Areial e Remígio. Empresas essas, como: Almeida Distribuidor de Materiais de Construção, Esperança Embalagens, empresa do ramo de embalagens plásticas, artigos para festa, materiais para confeitaria em geral. Dessa forma Esperança está no centro de um agrupamento de municípios, por conta dessas características econômicas que foram atrativas para que diversos tipos de serviços que se alocaram ali, e por conta disso passou a configurar um Centro de Zona na antiga hierarquia urbana proposta pelo IBGE, que no ano de 2012 se transformou em Região Metropolitana (Figura 8).

As Regiões Metropolitanas e Aglomerações Urbanas são constituídas por agrupamentos de municípios limítrofes e são instituídas por lei complementar estadual, de acordo com a determinação do artigo 25, parágrafo 3º da Constituição Federal de 1988, visando integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum. (IBGE, 2019, S.P.).

Figura 8: Mapa da Zona Metropolitana de Esperança-PB.



Fonte: IBGE, 2017. DAMASCENO. J. 2019. Adaptação, ROQUE, Gerlanielson, (2021).

As Zonas metropolitanas são criadas a partir de uma lei estadual, no caso da zona metropolitana de Esperança também foi criada da mesma forma no dia 8 de Junho de 2012. As Zonas Metropolitanas são criadas para uma melhoria no que se diz a respeito do planejamento e execução das funções públicas, melhoramento nos mecanismos e instrumentos da máquina pública, mas muitas vezes usadas como manobra do governo na estância estadual para o recebimento de mais verbas públicas, repassadas pelo governo federal. Passando assim a ser um mero “capricho político” e que nada agregam melhorias no bem estar da população de modo geral. Tornando-se algo muito longe do que deveria ser um mecanismo de fomento ao desenvolvimento de uma zona metropolitana.

“LEI COMPLEMENTAR Nº 106, DE 08 DE JUNHO DE 2012. Dispõe sobre a criação da Região Metropolitana de Esperança – RME e cria o Conselho de Desenvolvimento da RME, modifica dispositivo da Lei complementar nº 92 de dezembro de 2011 e dá outras providências.”. (FNEMBRASIL, 200?, S.P).

As Zonas Metropolitanas que foram criadas no Estado da Paraíba ocorreram sem um real estudo de caso, mas sim visando apenas o incremento de verbas públicas, para se ter ideia da magnitude do problema o Estado da Paraíba conta com o número de 12 Zonas Metropolitanas, segundo o FNEMBRASIL (Fórum Nacional de Entidades Metropolitanas), sendo elas: Região Metropolitana de Cajazeiras; Sousa; Vale do Piancó; Patos; Barra de Santa Rosa; Araruna; Esperança; Guarabira; Vale do Mamanguape; João Pessoa; Itabaiana, Campina Grande. Levando em consideração as características da rede urbana do Estado da Paraíba esse número mostra a ineficácia no estudo e planejamento urbano.

6 DESENVOLVIMENTO URBANO DE PEQUENAS CIDADES, ESTUDO DE CASO, MUNICÍPIO DE ESPERANÇA-PB.

Os desenvolvimentos urbanos das pequenas cidades brasileiras apresentam em sua origem formas distintas, a partir do surgimento e evolução socioespaciais e econômicas, não considerando apenas o período de sua criação, mas também os motivos para criação desses centros. A evolução desses locais pode estar estreitamente ligada à motivação para criação que segundo Pierre Deffontaines, (1938), segue uma tipologia de surgimento e de criação desses primeiros núcleos de povoamento, para o autor existem núcleos criados a partir de patrimônios religiosos, bocas de sertão, pouso de tropas e mulas, e entroncamento de vias de circulação.

Mesmo com inúmeros processos formativos a relação entre o urbano e o rural está sempre presente, desta forma entre esses pequenos núcleos urbanos há uma parte da população cuja origem está ligada a transformação e circulação de mercadorias e outras ligadas a atividades agrárias, segundo Corrêa (2011), sendo a pequena cidade um ponto fundamental para todas as relações econômicas que envolvem de forma direta e indireta o urbano do rural.

Nesse contexto se evidencia de forma ainda mais clara a confluência existente entre o urbano e rural que marca a evolução de muitos núcleos de povoamento no Nordeste brasileiro e em outras regiões do Brasil. Essa forma está firmemente ligada à evolução urbana no município Esperança. Com base nesta confluência de relações rural/urbana, as cidades pequenas tinham uma característica de oferecer uma pequena gama de serviços a sua população, isso acontecia, pois as pequenas cidades apresentavam todo um contexto agrícola em parte de sua população.

Na transição para uma fase urbanizada serviços esses que muitas vezes eram substituídos por serviços de escala informal. Pode dizer que a confluência existente nas pequenas cidades acaba que dando um ritmo a vida da população ali presente. Além do fato econômico existente nessas pequenas cidades e suas hinterlândias havia também outros fatores que faziam se construir todo o processo de urbanização, o convívio social é um deles, constituída por uma elite local provinda de fazendeiros, comerciantes locais e políticos que muitas das vezes celebravam festas em nome do padroeiro da pequena cidade e outras comemorações.

No município de Esperança toda confluência existente entre urbano e rural associado a uma produção de excedentes na agricultura marca essa projeção da zona urbana, a partir daí parte da população que não vive de plantar seu próprio alimento, mas sim do poder de compra, e de pessoas que vão plantar não só para sua subsistência, mas agora que passam a

comercializar seu excedente agrícola para pessoas que estão na zona urbana e passam a viver desse negócio. Essa modificação vão dar outras perspectivas nas pequenas cidades do Nordeste e marca o processo de crescimento desses núcleos que cada vez mais vão ganhando notoriedade no espaço geográfico regional. Da confluência que marca a evolução desses pequenos núcleos, no município de Esperança as casas de farinha vão ganhar uma grande importância, pois foram grandes geradoras de renda para população esperancense. Essa atividade ganhou notoriedade ainda na época dos tropeiros que cruzavam toda a Paraíba fazendo formas de escambos de mercadorias que eram transportadas nos lombos de seus cavalos e jumentos.

Foi o Esperancense Epaminondas Câmara que identificou a presença de uma “Civilização da Farinha” nos brejos paraibanos, notadamente em Alagoa Nova, onde a mandioca já era cultivada em 1763, inclusive, justificando a concessão de algumas sesmarias que deram origem ao município de Esperança. (FERREIRA, 2015, P.152).

Figura 9: Casa de Farinha.



Fonte: diariodonordeste, 2012.

Na zona rural do município desenvolveram-se várias casas de farinha, “Em 1933, o município registrou 110 casas de aviamento para o fabrico de farinha de mandioca. E nos anos 50 eram produzidos 70 toneladas de mandioca, cerca de 30.000 sacos de 60 Kg” (FERREIRA, 2015, p.152). Além da importância que as Casas de Farinha no município houve também um comércio voltado para a cotonicultura, Esperança apresentou um protagonismo na produção algodoeira da Paraíba ao lado de Campina Grande. Ambos os municípios alojaram fábricas voltadas para o beneficiamento de produtos que tinha o algodão como sua principal matéria prima. O cultivo do algodão ao lado da batatinha caracterizaram por décadas os principais produtos agrícolas no município, dentre outros, como feijão e milho.

Neste ciclo do algodão, entre as décadas de 1940 e 1960, funcionou em Esperança uma fábrica de redes, cujo proprietário era o senhor Pedro Calixto do Nascimento. A manufatura era capaz de abastecer Maranhão, Pernambuco, Mato Grosso e São Paulo, sendo matéria prima originária da própria região. (FERREIRA, 2015, P. 154).

O município já teve seus momentos com altos índices de produtividade na manufatura algodoeira, mas que mesmo assim não deixaram de ter seu espaço na economia do município o que contribuiu para criar ligações com outros municípios circunvizinhos como Campina Grande que comercializava boa parte do algodão produzido em Esperança.

Nesses bons períodos da produção agrícola do município a “batatinha” tornou-se a principal produção por algumas décadas e conseqüentemente a que mais marcou a agricultura de Esperança. O território do município apresenta um solo bem diversificado que vai propiciar a produção de culturas perenes e também em outros setores serão mais propicias para a criação de animais a pecuária.

Segundo Ferreira, (2015, p. 155).

No limite Alagoa Nova- Areia a terra é fértil é propícia á agricultura. É terra úmida e clima ameno, o que favoreceu o cultivo da batata inglesa. Enquanto que o lado oposto, que limita com Pocinhos e Remígio, cascalho e clima quente seco, é melhor para a criação de animais (gado, vacum, caprinos e ovinos).

Por quatro décadas a produção da Batatinha foi muito rentável para os produtores, os principais destinos dessa produção era a exportação para estados vizinhos como: Ceará, Rio Grande do Norte, e Pernambuco. Segundo FERREIRA (2015), a produção apresenta seus maiores índices de produção no final dos anos 70 atingindo 60% das terras agricultáveis do município de Esperança.

Após quase cinco décadas sendo a principal produção agrícola do município de Esperança a “batatinha” perde um pouco da sua importância dentro da produção agrícola esperancense e até mesmo é substituída por outras culturas, tudo isso por conta de um regime de secas que a região enfrentou e também pragas e a baixa nos preços, sendo esses os principais motivos que fizeram a queda dessa produção, que contou também com a modernização na produção e nos meios de transporte que introduziram no mercado uma batatinha com preço, quantidade, e padrão de consumo que Esperança e sua região não tiveram como concorrer.

A partir dos anos 50 essa produção apresenta uma pequena queda no plantio por parte de alguns produtores. Segundo (FERREIRA, 2015), essa pequena baixa se deu também pela falta de incentivos por parte do governo para o custeio com o plantio. Dentro desse cenário, no viés da baixa na produção da batatinha surge um novo produto, o Sisal. O sisal (Agave Sisalana) é originário da península de Yucatá, no México. A introdução do Sisal (Figura: 10) no Brasil data de 1903, no estado da Bahia. Os primeiros bulbilhos, provavelmente, foram trazidos da Flórida, nos Estados Unidos da América. (SISALL, 200?, S.P).

Figura 10: Agave Sisalana (Sisal).



Fonte: Embrapa, (2016).

A cultura do Sisal foi introduzida na agricultura de Esperança o produto esteve sendo produzido em paralelo com a batatinha, (FERREIRA, 2015) e passou a ser preferido por alguns agricultores, produtores esses que em muitos dos casos eram os que tinham maior número de terras agricultáveis. Do Sisal são retiradas fibras (Figura 11) que são usadas para confecção de diversos produtos, como: Roupas, Cordas, Tapetes, e também usada na aplicação do Gesso.

Figura 11: Fibra do Sisal.



Fonte: blogdogesseiro, (2015).

O sisal foi introduzido na agricultura comercial de Esperança pela valorização que apresentava no mercado, inclusive externo, e teve um papel significativo na economia do município, contribuindo para impulsionar o comércio, que foi tão importante em todo o processo de consolidação econômica da cidade e a teia de relações que a mesma passou a desenvolver com os municípios próximos como Areia, Alagoa Nova, Remígio, Areal, Lagoa de Roça e Campina Grande.

Como se sabe, Esperança desde suas origens demonstrou uma vocação para o comércio, No início essa atividade era marcada pela informalidade, restringindo-se apenas aos tropeiros, que aqui pernoitavam antes de se dirigirem a Campina Grande, Alagoa Nova ou Areia. (FERREIRA, 2015, p. 46).

A partir da segunda metade da década de 1950 o Brasil passou por uma grande mudança na sua sociedade, na vida política, econômica e sócio espacial. Todas essas

mudanças foram também observadas nas pequenas cidades do país, segundo Corrêa, (2011) as mudanças ocorridas devem ser observadas de uma forma diferente levando em consideração para tal análise o contexto regional onde está inserido o estudo de caso, isso implica dizer elas ocorreram de uma forma diferente nas regiões brasileiras havendo uma maior importância em algumas pequenas cidades e em outras, mudanças não tão notórias.

No viés do desenvolvimento do comércio do município de Esperança foram surgindo novos negócios, novas lojas de roupas, farmácias e também no ramo de material de construção e transporte. Após a emancipação, os tributos coletados ali eram usados no município e não mais destinados a Alagoa Nova como outrora era feito.

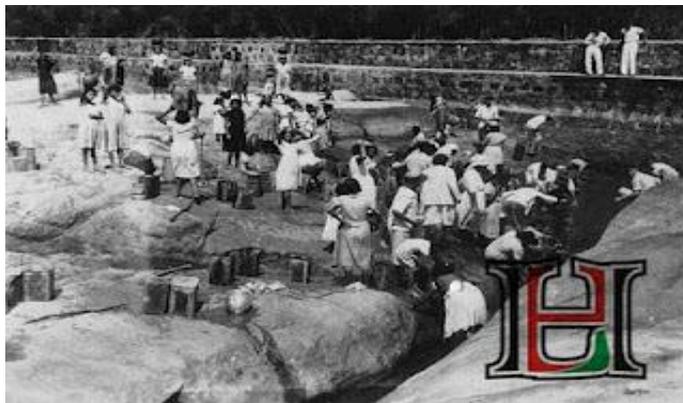
O município apresentou uma grande mudança na infraestrutura, a partir dos anos 30 aos anos 70 com parceria entre a prefeitura de Esperança e o Governo Estadual. Há construção de prédios públicos, como: escola da rede estadual de ensino (figura 12), ruas foram calçadas, saneamento básico, expansão da iluminação pública, de um reservatório para captação de água potável (figura 13) que serviu para o abastecimento da cidade, e de praças públicas (figura 14).

Figura 12: Grupo Escolar Irineu Jofilly, em 1935.



Fonte: Blogger: Revivendo Esperança, (2012).

Figura 13: Reservatório Dezesseis de Agosto (Tanque do Governo), em 1944.



Fonte: Blogger: Revivendo Esperança, (2012).

Figura 14: Praça Antônio Bezerra (Praça da Televisão), anos 70.



Fonte: Blogger Revivendo Esperança, (2012).

Entre os anos de 1930 e 1970 Esperança apresentou destaque entre os municípios da Paraíba pelo desenvolvimento do seu comércio, principalmente na prestação de serviços, juntamente com a renda voltada a criação e comercialização de gado. Enquanto a zona urbana se desenvolvia a zona rural também dava passos largos na procura de ganhar seu espaço na economia esperancense, sendo já conhecida por uma produção de excedentes agrícolas e sendo muito importante para todo o processo evolutivo econômico no município e conseqüentemente sua centralidade na região.

A produção de excedente agrícola produziu riqueza no campo, mas também drenou recursos para a zona urbana contribuindo para a conseqüente centralidade que esta passou a exercer na região a qual está inserida. A produção do espaço urbano segundo (SANTOS, 2008) ocorre por diferentes conjuntos de objetivos que estão cada vez mais abertos a ações da globalização, é observado no município que o excedente agrícola, logo depois o comércio e prestação de serviços, foram os pilares para todo processo de construção, modelação, e evolução do solo urbano de Esperança e toda sua centralidade.

Figura 15: Centro de Esperança, anos 40.



Fonte: Blogger Revivendo Esperança, (2012).

A cultura da feira livre (figuras 16) continua no município, obviamente por conta de todos os avanços nos meios técnico-científico e econômico a feira livre não tem as mesmas características e importância econômica para o município, mas a tradição persiste e muitas famílias ainda vivem do excedente agrícola e pecuário comercializado na feira livre que acontece todos os sábados.

Figura 16: Feira Livre de Esperança, ano 2022.



Fonte: SALLES, Thomas, (2022).

Além da importância econômica feira livre de Esperança também teve modificações em sua localização no espaço urbano e até mesmo na qualidade das barracas que são utilizadas para a disponibilidade dos produtos pelos feirantes. Até meado dos anos 60 a feira era realizada na Avenida Manoel Rodrigues de Oliveira (figura 17), avenida essa que até os dias atuais abriga muitos centros comerciais do município. No ano de 2000, a feira foi realocada para a Rua José Ramalho da Costa que recebeu esse nome por conta do estádio de futebol que fica localizado na mesma rua, Estádio de Futebol José Ramalho da Costa, a feira acontece em frente ao estádio de futebol.

Figura 17: Avenida Manoel Rodrigues de Oliveira.



Fonte: Google Earth, (2022).

Atualmente o município de Esperança continua exercendo uma centralidade na região onde está inserida, sendo a economia do município baseada no comércio, prestação de serviços e também agências bancárias que geram empregos e atraem novas empresas de vários ramos, que se instalam em Esperança atraídos pelo magnetismo espacial que esta centralidade proporciona.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, grande parte dos estudos urbanos são voltados às grandes metrópoles, mesmo que a grande maioria das cidades brasileiras sejam pequenas e que apresentem características diversas desde sua criação até evolução. São características que merecem ser estudadas individualmente para entender suas peculiaridades e singularidades.

O Brasil por ser um país continental, que é composto por regiões com características próprias que se diferenciam que apresentou em todo seu processo evolutivo uma urbanização rápida, desordenada, e concentrada em regiões litorâneas, que depois foram dando espaço a um processo de evolução de outras regiões, está enraizado esses pequenos centros urbanos.

O município de Esperança passou por um processo evolutivo singular desde seus primeiros anos criação, sempre mostrou uma grande hegemonia do comércio em relação a outras atividades econômicas, primeiro com excedente agrícola comercializados na feira livre e posteriormente com a prestação de serviço que irá a partir daí marcar toda transformação de Esperança. Percebe-se que todo processo evolutivo do solo urbano de Esperança está voltado ao comércio, que gerou uma centralidade e o destacou entre os municípios circunvizinhos, centralidade que está presente até os dias atuais, tanto com seu forte comércio quanto na prestação de serviços.

Entender o processo de evolução das pequenas cidades não é fácil, e os estudos sobre pequenas cidades estão ganhando mais notoriedade. O estudo se torna difícil, pois cada cidade irá apresentar singularidades que estão atreladas a sua localização geográfica, processo de transformações, motivos pra sua criação, e conseqüentemente sua influência e importância dentro das regiões onde estão inseridas. Esses pontos ficaram nítidos no estudo de caso sobre o município de Esperança, que teve primeiramente sua posição geográfica como um ponto importante para sua evolução. Estava na rota dos tropeiros que cruzavam o território paraibano, que saiam do sertão em busca das zonas litorâneas e passavam pela antiga Vila Banabuye, posteriormente, município de Esperança.

É ainda por conta desta sua centralidade que o município passou a liderar uma das 12 zonas metropolitanas existentes no território paraibano, mesmo que a criação dessas zonas para alguns estudiosos não respeitem a hierarquia urbana, pois muitas cidades que as lideram não oferecem requisitos mínimos para serem categorizadas como zonas metropolitanas como é o caso de Esperança.

REFERÊNCIAS

ALGO SOBRE, **Geografia da Paraíba: Aspectos Naturais: Relevo, Clima, Hidrografia, Vegetação**. Disponível em <<https://www.algosobre.com.br/geografia/geografia-da-paraiba-aspectos-naturais-relevo-clima-hidrografia-vegetacao.html>> acesso em 12 de Setembro de 2020.

BRITO, Vanderley. **Banabuyé, por Vanderley de Brito**. Disponível em: <<https://historiaesperancense.blogspot.com/2015/02/banabuye-por-vanderley-de-brito.html>>. Acesso 18 de Setembro de 2020.

CORRÊA, Roberto Lobato. **As Pequenas Cidades na Confluência do Urbano e do Rural**, GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 30, pp. 05 - 12, 2011.

DEFFONTAINES, Pierre. **Como se Constituiu no Brasil a Rede das Cidades**, Bulletin de la Societé de géographie de Lille, Lille Nº 9, p.8 1938.

EMBRAPA: **Extrato do sisal é testado como inseticida contra o Aedes aegypti**. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/8841447/extrato-do-sisal-e-testado-como-inseticida-contr-o-aedes-aegypti>>. Acesso em 16 de Setembro de 2020.

FERREIRA, Rau. Pseud. Hasenclever Ferreira Costa. **Banaboé Cariá, Recortes da Historiografia do Município de Esperança**. 1º ed. Esperança-PB: A União Editora, 2015.

FNEM (Fórum Nacional de Entidades Metropolitanas), **Região Metropolitana de Esperança (PB)**. Disponível em: <<http://fnembrasil.org/regiao-metropolitana-de-esperanca-pb/>>. Acesso dia 28 de Setembro de 2020.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA), **Mesorregiões e Microrregiões Geográficas**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?edicao=16163&t=sobre>> . Acesso 18 Setembro de 2020.

JOFFILY, José. **Notas Sobre Parahyba**: fac-símile da primeira edição publicada no Rio de Janeiro em 1892. Prefácio de Capistrano de Abreu. Thesauru Editora: 1977.

MELO, Priscila, **Agreste**. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/agreste-localizacao-caracteristicas-geograficas-e-cultura/>>. Acesso 8 de Setembro de 2020.

MONTEIRO, H.S.C. **Estudo da formação e características da situação socioeconômica e física da microrregião do Curimataú**. 2014. 56 p. Monografia (Graduação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2014.

MOREIRA , Emilia de Rodat Fernandes & TARGINO, Ivan. **Capítulos de Geografia da Paraíba** - João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB,1996. 332p.

Prefeitura Municipal de Esperança: **ILUMINAÇÃO NO PINTADO**. Disponível em: < <https://www.esperanca.pb.gov.br/portal/noticias/geral/iluminacao-no-pintado>>. Acesso em 16 de Setembro de 2021.

Revivendo Esperança-PB: **A Feira de Esperança em Três Épocas Diferentes**. Disponível em: <<http://revivendoesperancapb.blogspot.com/2015/08/a-feira-de-esperanca-em-tres-epoca.html>>. Acesso em 16 de Setembro de 2021.

Revivendo Esperança-PB: **A Praça da Televisão**. Disponível em: < <https://revivendoesperancapb.blogspot.com/2012/11/a-praca-da-televisao.html>>. Acesso em 16 de Setembro de 2021.

Revivendo Esperança-PB: **Irineu Jofilly - A Primeira Escola Estadual de Esperança**. Disponível em: < <https://revivendoesperancapb.blogspot.com/2014/10/irineu-jofilly-primeira-escola-estadual.html> >. Acesso em 16 de Setembro de 2021.

Revivendo Esperança-PB: **O Tanque do Governo - A Salvação de Esperança**. Disponível em: < <https://revivendoesperancapb.blogspot.com/2012/09/o-tanque-do-governo-salvacao-de.html>>. Acesso em 16 de Setembro de 2021.

Saiba como é produzido o sisal, e conheça suas aplicações.

Disponível em: <<https://blogdogesseiro.com/saiba-como-e-produzido-o-sisal-e-conheca-suas-aplicacoes/>>. Acesso em 24 de Setembro de 2020.

SANTOS, M. **A urbanização Brasileira**. 5. Ed. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, M. **Economia Espacial. Críticas e Alternativas**. 2. Ed. São Paulo: Edusp, 2003.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela saúde que me concedeu e força de vontade, pois sem ele eu não conseguiria chegar até aqui. Agradeço aos meus pais pela educação e apoio para que eu pudesse estudar e realizar meu sonho. Agradeço ao meu professor e orientador Dr. Antônio Albuquerque da Costa por toda paciência e por dividir comigo seus conhecimentos que foram de suma importância para elaboração deste trabalho.

Gratidão aos meus colegas de turma, por todas as dificuldades que conseguimos superar nessa trajetória da graduação. A todos meus colegas e amigos que fazem parte da minha vida e contribuíram de forma direta e indireta para esse sonho que se concretiza. Agradeço a cada professor que participaram da minha formação como pessoa e profissional. Por fim, mas, não menos importante agradeço a Ellen Thaynná Mara Delgado Brandão, por todo apoio para que eu pudesse reingressar a graduação e a todos que estiveram ao meu lado emanando boas energias e positividade. Obrigado de coração a todos.